

Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 03 – O Espírito Disciplinador

www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/



O Amigo da caminhada

O discipulado significa estarmos em um relacionamento íntimo e profundo com Jesus de tal maneira que possamos ser moldados mais e mais a semelhança do nosso mestre, é sermos aprendizes de tempo integral de Jesus. Bem, isso fazia todo o sentido quando olhamos para o Novo Testamento e vemos os discípulos de Jesus caminhando com Ele, comendo com Ele, conversando pelo caminho e trocando ideias antes de dormir.

No entanto, não podemos negar que não é exatamente este o contexto que vivemos, não é mesmo? Os evangelistas narram a ascensão de Jesus para a destra do Pai após sua ressurreição e um período de tempo no qual esteve com os discípulos (Mc 16.1; At 1.1-11). Isso quer dizer que não temos mais a presença física de Jesus como nosso mestre para nos ensinar, nos mostrar, para ser nosso modelo e exemplo. Seria uma grande viagem de nossa parte alegarmos que somos discípulos de um mestre que nunca vimos pessoalmente? Seria viável um discipulado com o Mestre ressurreto se ele não está aqui fisicamente?

O Evangelho de João registra um diálogo de Jesus com os discípulos no qual o mestre deixa absolutamente claro que o discipulado não seria interrompido quando o Senhor voltasse para o Pai. No capítulo 14 do Evangelho de João, Jesus deixa claro que está voltando para o Pai (14.1-3) mas logo em seguida garante aos discípulos que não os deixará órfãos (v.18), pois pedirá ao Pai para que envie “outro Conselheiro” (v.16). É muito importante compreender os termos que estão sendo utilizados no grego aqui. Primeiro, o termo “Conselheiro” vem do grego “*paraklétos*”, que “significa literalmente ‘uma pessoa chamada para cuidar de outra’. Poderia se referir a um conselheiro, um advogado, um mediador ou um intercessor”.¹ Peterson traduz como “Amigo”² e Dallas Willard usa a ideia de “Fortalecedor”³, ambos nos ajudando a compreender a intimidade e o papel do Espírito Santo em nossa caminhada.

Em segundo lugar, o termo “outro”, que parece tão insignificante mas acaba sendo super importante para compreendermos essa passagem pois o termo que Jesus escolhe para se referir ao Espírito Santo é o termo grego “*allon*”, que não significa outro no sentido de diferente, mas no sentido de outro que é exatamente igual ao primeiro.⁴ O que isso significa? Que Jesus não estaria mais presente discipulado fisicamente os discípulos mas enviaria o Espírito Santo que continuaria o discipulado exatamente como Jesus o fez, pois é um Consolador, Fortalecedor, Amigo, exatamente como Jesus. Isso era tão claro para a igreja primitiva que Lucas não hesitou em chamar o Espírito Santo de “Espírito de Jesus” (At 16.7).

Jesus deixou claro que o Espírito Santo assumiria todas as suas funções como disciplinador, nos ensinaria todas as coisas, nos lembraria das palavras de Jesus, nos daria a paz (Jo 14.25-27). Jesus continua afirmando que o Espírito Santo virá para trabalhar nos corações, para guiar os discípulos na verdade pois não falará de si mesmo mas vem para falar a respeito do próprio Jesus e para glorificá-lo (Jo 16.5-15). Jesus chega a afirmar que os discípulos o verão de novo por causa da presença do Espírito Santo (Jo 16.16).

A ausência física de Jesus como nosso disciplinador é total e plenamente suprida pela obra do Espírito Santo em nós, pois o Espírito de Cristo é o nosso verdadeiro disciplinador pois está sempre conosco e continua usando todo o mundo com sua sala de aula e ensinando toda a matéria referente à vida do Reino e no Reino. O Espírito Santo é o próprio Deus em nós, habitando em nós quando nos entregamos a Cristo Jesus como nosso único e suficiente Salvador. O Espírito é o nosso Mestre e Consolador, que nos faz entender profundamente as Escrituras e nos leva a aplicá-las em nossas vidas, afinal apenas o Espírito que inspirou as Escrituras pode iluminar essas mesmas Escrituras ao nosso coração e nos levar a discernir espiritualmente a relevância da Palavra para a nossa vida diária. Ele está conosco o tempo todo e sem sua presença e ação o discipulado é impossível e inviável.

¹ TENNEY, MERRILL C.: John. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: John and Acts*. vol. 9. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1981, p. 146

² PETERSON, Eugene. *A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.1529

³ WILLARD, Dallas. *A grande omissão*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p.36

⁴ TENNEY, MERRILL C.: John. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: John and Acts*. vol. 9. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1981, p. 146

Um comunidade cheia do Espírito

João relata que Jesus, após ressuscitar, veio até os discípulos e soprou sobre eles, enviando seu Espírito (Jo 20.22). Lucas relata a vinda do Espírito Santo sobre a igreja primitiva de maneira arrebatadora na festa de Pentecostes e como esse enchimento do Espírito Santo empoderou a igreja para que a mesma pudesse realizar a sua missão (At 2). Neste momento, Lucas faz um paralelo interessantíssimo, pois no Evangelho Lucas garante que Jesus realizou todo o seu ministério “cheio do Espírito Santo” (Lc 4.1), e agora Lucas afirma que a igreja havia sido cheia do Espírito Santo (At 2.4), Pedro prega ousadamente cheio do Espírito Santo (At 4.8), a igreja foi renovada por um novo enchimento do Espírito Santo (At 4.31), Estêvão era um homem cheio do Espírito Santo (At 6.5), Paulo era cheio do Espírito Santo (At 13.9).

O livro de Atos é unânime em afirmar que o verdadeiro discipulado está profundamente conectado a um enchimento do Espírito Santo: pessoas cheias do Espírito Santo, uma comunidade cheia do Espírito Santo. Paulo escreve aos efésios: “encham-se do Espírito Santo” (Ef 5.18). Mas afinal, o que significa ser cheio do Espírito Santo e como podemos nos encher do Consolador?

Thomas Merton, grande místico cristão do século XX, tece uma série de considerações maravilhosas sobre a obra do Espírito Santo em seu livro “A experiência interior”: “Se o Cristo veio ao mundo como Filho de Deus e o Pai estava presente nele, se o Cristo deixou o mundo e foi ao Pai, como podemos ‘vê-lo’, como podemos transpor o abismo que há entre nós e a transcendente distância de seu mistério celeste? [...] A resposta é que o Verbo [...] permanece imanente {presente} ao nosso mundo [...] por uma presença especialmente dinâmica e mística, como Salvador, Redentor e Amante do mundo. A questão é, portanto, saber como entrar em contato com essa presença especial do Senhor no mundo e em nosso coração [...] A resposta é pela fé; e isso não quer dizer, simplesmente, por um assentimento intelectual a certas proposições de autoridade dogmática, mas, mais que isso, pelo comprometimento de todo o nosso ser e de toda a nossa vida para com a realidade da presença de Cristo no mundo”.⁵

Merton enfatiza que a vida do Espírito em nós não é uma mera compreensão intelectual de dados teológicos, mas é um comprometimento, é um desejo como enfatiza mais a frente, é uma busca. Sobretudo, uma palavra é importante neste contexto: relacionamento. Creio firmemente que o enchimento do Espírito é uma experiência de intimidade com o Espírito Santo a ponto de reconhecermos sua voz e discernirmos seu impulso que por sua vez é resultado de nos aplicarmos e nos dedicarmos a um relacionamento pessoal com Ele por meio das disciplinas espirituais e de uma vida de santidade. Willard nos lembra que viver no Espírito – cultivar a relação dia a dia – é o que nos possibilita experimentar o que significa andar no Espírito – sermos guiados e nutrido na caminhada cristã por sua presença e poder.⁶

Ryle Charles Sproul relata como sua então noiva compreende que o Espírito Santo não era algo, uma ideia ou conceito, mas alguém e como essa compreensão da personalidade do Espírito Santo mudou sua vida: “em sua conversão, ela realizou a transição do entendimento do cristianismo de uma maneira abstrata para um relacionamento pessoal com Deus. E uma das primeiras verdades que ela captou foi que o Espírito Santo é uma pessoa, e não uma coisa”.⁷

O Espírito Santo é a Terceira Pessoa da Comunidade Eterna, enviado pelo próprio Jesus para viver em nós e continuar a obra do discipulado: nos formar mais e mais a imagem de Jesus Cristo, nosso Salvador. Ele é Alguém, não algo. Logo, o ser cheio do Espírito Santo não é algo mágico, mas é uma intimidade resultante de um relacionamento pessoal que foi trabalhado, priorizado. Como nos tornamos íntimos de alguém? Ora, investindo tempo, dedicação, sinceridade e entrega em uma relação. Pois bem, precisamos fazer tudo isso em nossa relação com o Espírito Santo, de quem somos um templo como nos ensinou Paulo (1Co 3.16). Pois bem, como podemos de maneira prática investir em nosso relacionamento com o Espírito Santo?

Uma resposta é clara: separar tempo qualitativo para nos aplicarmos nas disciplinas espirituais essenciais, a meditação nas Escrituras e a vida de oração. Quando nos aplicamos nos meios de graça que o Senhor mesmo nos deu, estamos cultivando nossa intimidade com Deus e nossa vida no Espírito. É claro que também precisamos fazer ajustes pessoais em nossas vidas, deixando de lado pecados e hábitos que entristecem o Espírito Santo (Ef 4.30). Por fim, é importante considerar a quase enigmática mas importante ordem de Paulo: “Não apaguem o Espírito” (1Ts 5.19).

⁵ MERTON, Thomas. *A experiência interior*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.63

⁶ WILLARD, Dalllas. *A grande omissão*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p.36

⁷ SPROUL, R. C.: *Who Is the Holy Spirit?, The Crucial Questions Series*. vol. 13. Orlando, FL : Reformation Trust, 2012